

Tem sentido?

MD Magno

Texto retirado de fala do autor em 09 junho,
na série de seus *SóPapos* 2018

18. O sentido do Haver é para não-Haver, mas para que serve isso? – O sentido que posso ter para mim, dentro do sentido do Haver, é a resultante de meus eventos – Só estamos aqui a serviço do Haver – Qual é o sentido de fazer análise? – A realização do sentido é do Haver – O sentido das IdioFormações é servirem à emergência do sentido do Haver – A impressão de livre arbítrio é a possibilidade de haver HiperDeterminação de vez em quando. **19.** O Haver é consciente de ser consciente – As IdioFormações são a consciência que o universo tem de ser universo – Analista é uma nuvem de formações diante de outra nuvem de formações.

18

Quero colocar uma questão que tem perseguido a mente de filósofos, de religiões, etc., da qual deveríamos tentar dar conta da maneira que não é a deles, da maneira que a psicanálise pode dizer. Há em muitos pensamentos a questão intrigante do **Sentido**. A questão é: Qual é o sentido disso tudo aqui? Que sentido tem isso? A vida...?

Filósofos têm chegado à conclusão de que não tem sentido, que temos que criá-lo, inventá-lo. Por outro lado, o pensamento mágico tem todo sentido: vai-se para o céu, voltamos para

reencarnar... Mas, mesmo se formos para o céu, o que se vai fazer lá? Dizem até que o inferno é mais engraçado (pois é onde estão as pessoas melhores)

• P – *Você está falando de sentido como significado ou como direção?*

Para nós, é praticamente a mesma coisa. Se acompanharmos o tipo de arranjo da NovaMente, veremos que é claro que tem sentido, que tudo tem sentido. Antes de mais nada, como sabem, o sentido é para não-Haver. “Haver desejo de não-Haver”, este é o sentido. Mas para que serve isso? O que estou fazendo aqui? Então, mesmo que digam que a vida não tem sentido, digo que tem, sim. Qual? Alguém aí arrisca dizer algo?

• P – *Seria na mesma conexão em que você falou sobre a Fé, que nada tem a ver com a crença?*

A fé é um tesão. Tenho fé de que vai para lá. Por quê? Porque vai. A fé não leva adiante, é o caminho adiante que demonstra que há fé. Não preciso de fé para ir. No que vou é que surge a fé. É diferente de botar uma crença e ter que, todo dia, rezar para aquela fé não ir embora.

Como tomar o sentido fora da angústia do final do século XX? De gente feito Camus e Sartre, que procurava o sentido e dizia que estávamos perdidos? Daqueles que diziam que não há sentido, que temos que nos virar? Repito, dentro do escopo de pensamento da psicanálise, minha suposição é que há sentido, e muito radical. **O sentido está no vetor de base: Haver desejo de**

não-Haver. E passamos a vida cumprindo este sentido. Só que o sentido é só sentido, pois não tem o que encontrar, o não-Haver não há. E nos perguntamos, então, qual é o sentido de nossa existência, o que estamos fazendo aqui. O fato de haver sentido – que é o sentido de Haver –, mas que não se o encontra, pois só tem retorno possível, não quer dizer que esse sentido seja responsável por estabelecer sentido individual ou coletivo para nós. Como o sentido está dado, e é inarredável, que sentido há para mim estar aqui submetido a esse sentido? O engano, a ilusão, dos pensadores que foram por aí é que o sentido que realizamos não é nosso, não nos pertence, é o sentido do Haver. Se procurarmos qual é nosso sentido dentro disso, o jeito é fazer análise para ver se se vislumbra o encaminhamento nosso desse sentido. A coisa é dispersiva. Os sentidos das pessoas são os mais diversos. É tolo a pessoa procurar qual é *seu* sentido, como se tivesse um sentido dado.

O sentido que posso ter para mim, dentro do sentido do Haver, é a resultante de meus eventos, do que me acontece. Mesmo quando tomo a iniciativa que chamam de livre arbítrio – coisa que, aliás, não existe – dentro do sentido do Haver, estou tomando a iniciativa possível naquele momento, e que não é tão minha assim. É resultante: um conjunto de forças e significações me põe ali. E como tenho a capacidade de Revirão, de HiperDeterminação – a capacidade não é minha, e sim do Haver –, algo hiperdetermina uma posição nova para mim. Ou não. Aí,

ficarei o resto da vida repetindo as resultantes antigas. O que é livre arbítrio? É enganação. Se pensarmos até a última instância, a sobredeterminação é enorme, é uma formação gigantesca, cuja resultante, nos embates com os acontecimentos, dá a aparência de estarmos tomando a *liberdade de*. Se, mesmo do ponto de vista analítico, não acabarmos com essa enganação, ficaremos eternamente em guerra na suposição de que sabemos qual é o sentido. As culturas fazem a suposição completamente idiota de saberem isto. É claro que, se fazemos esta suposição de saber, ficamos recalcitrantes na defesa e na imposição desse sentido. Pode durar um tempo, mas nunca dará certo.

Estes pontos são importantes para a questão: qual é o sentido de fazer análise? Tem sentido isso?

• P – *Se o Haver oferece o Revirão, iremos aproveitá-lo ou não. Ficaremos presos aos sentidos resultantes da soma de eventos, ou faremos metamorfoses.*

Você está apontando para o limite dos sentidos. O que significa dizer “faremos metamorfoses”? Temos esta competência?

• P – *É menos “faremos” do que acolhermos algo que nos acontece.*

Sim. Onde sofremos com a questão do sentido – O que estou fazendo aqui? Oh meu Deus, que inferno! – é querermos saber qual é nosso próprio sentido. Não se tem. O sentido que se tem é o do Haver. O sentido a se entender nem é das pessoas humanas,

e sim das IdioFormações, sejam elas quais forem, aqui, no inferno, no céu... E se, em algum lugar, algum planeta, as IdioFormações de lá já tiverem entendido isto... Aqui ninguém entendeu ainda, apenas inventaram – como estou fazendo aqui agora – soluções. Há soluções demasiado conteudísticas, anedóticas, da pior espécie, do tipo “o sentido é para Deus”... Talvez o mais lúcido a respeito dessa questão tenha sido Espinosa. Já imaginaram uma sociedade em que (quase todas) as Pessoas – IdioFormações de qualquer tipo – já tivessem entrado nesse entendimento e estivessem a serviço do Haver? Nós também estamos. Aliás, só estamos aqui a serviço do Haver, mas pensamos que somos importantes, que fazemos isso e aquilo, uma obra... Nem cocô é obra própria.

• P – *Eu pensava aqui justamente que você, hoje, está meio espinosista. O raciocínio é: uma determinação está determinada por outra determinação, o que faz uma cadeia causal infinita. Espinosa tenta mostrar que o que acontece acontece sempre dentro da determinação. Os arroubos de se achar fora, em algum momento, de alguma maneira, é o que estraga o processo. E as pessoas adoecem disso.*

Estou inteiramente espinosista hoje. Ele me parece ter dito a coisa mais lúcida: *Deus sive Natura*. Eu substituiria a segunda parte: *Deus sive Habere*. Também pode-se deixar só o *Haver* e tirar a primeira parte. Chamem de Deus se quiserem. Prefiro chamar de Deusa Suprema: *Kaganda Yandanda*. Isto para acabar

com esse negócio de pensar que ela fará o que queremos. Deusa suprema tem que ser no feminino, pois o masculino não produz nada. Ou melhor, pode até produzir, mas nada reproduz. Nada esperem dessa moça, pois ela lhes dará o que lhe der na telha, o que acontecer.

O que a psicanálise pode oferecer como solução quanto ao sentido nosso, ou das IdioFormações, ou mesmo das outras formações, é o sentido do Haver: o encaminhamento para não-Haver e, como isso não há, retorno. E fica esse sentido girando eternamente no espaço (ou no tempo, não sei). Então, se este projeto teórico estiver razoavelmente certo, uma das coisas que o analisando deve alcançar – não porque decorou ou ouviu falarem, e sim porque possa lhe ter acontecido em análise (a maioria do que há por aí como análise são coisas que leram em Freud e dizem que acharam isso ou aquilo, que superaram Édipo...) –, o sentido que a análise deve tentar buscar e propiciar, é o entendimento de que o sentido não é dele. Não seja pretensioso, o sentido não é antropomórfico, você é apenas uma migalha do sentido do Haver. Importantíssima, mas você está aqui carregado pelo sentido do Haver. Levado adiante com todas as formações que constituem seu processo de encaminhamento dentro da sua situação. Fernando Pessoa dizia a metáfora correta: “Escravos cardíacos das estrelas”. Somos escravos, nem sei se cardíacos, do Haver. Vemos isso perpassar na história desta espécie quando certas religiões – o cristianismo, por exemplo – esperam que você

encontre o sentido no encaminhamento para Deus. Ou seja, o sentido não é seu. Já era um vislumbre de que você não tem sentido próprio. O sentido é do Haver, da sobredeterminação infinita, talvez, dentro do Haver – e você é levado a isso.

E quando está dentro disso, no cumprimento de uma destinação que não é sua, você é que é dela. Você, narcisicamente, inventa uma glória, diz coisas como “fui eu que fiz”... A limitação narcísica provocada pelo Primário faz a história registrar histórias, grandezas, etc., que não são daquela pessoa. A pessoa é que é dela. Um dos sentidos da análise é conseguir reconhecer isto, mas não por ouvir falar, por aceitar intelectualmente, mas ver-se assim. Repetindo, o sentido não é meu, eu é que sou do sentido. A realização do sentido é do Haver. O sentido das IdioFormações é somente o de servirem à emergência do sentido do Haver, o qual emerge localmente de formas diferentes. Qual é conjunto das formações de alguém? Cada um fará emergir uma possibilidade de participação nesse sentido do Haver. Aí, as pessoas – que são as IdioFormações de nosso caso – caem nas mais diversas posições de bem-estar, de mal-estar, de pobreza, de riqueza... E o que o Haver acha disso? Está cagando (é a minha deusa). Não é problema dele. Deve ser nosso o problema de tentar fazer algo para que a emergência desses sentidos horríveis – que também são importantes – possa ser menos dolorosa. A vontade dos socialistas, dos comunistas em particular, é sermos todos iguais. Isto jamais acontecerá pelo fato de jamais ter existido e

não ter por onde existir. Qual ordem política pensar dentro do reconhecimento de que todo e qualquer sentido emergente faz parte do sentido?

• P – *Reconhecer mesmo a emergência de alguém como Donald Trump?*

É necessário neste momento, está desenhando o momento como resultante desse troço aí. É o aborto do tempo.

Portanto, não existe absurdo algum. O século XX foi muito doido e paranoico. Em sua segunda metade, foi impregnado de certa região no sentido de absurdo: a vida é um absurdo, teatro do absurdo... Não há absurdo algum por falta de sentido para as formações particulares do Haver. É apenas um possível. Quanto dói? Quando não se é psicopata, talvez possamos ter alguma relação de, digamos, neurônios-espelho, como quer Ramachandran, e nos incomodar com o sofrimento do outro. Isto é local. O fato de haver o horrível, não é absurdo algum.

• P – *Absurdo é o nome daquilo que não coube no sentido que você pretendeu.*

Aquela patota de meados do século XX de que falei no início – Sartre, Camus *et caterva* – é doente disto, queria saber qual é o seu sentido. Seu sentido é zero. Você é que é do sentido. As coisas nos acontecem. A impressão de livre arbítrio é a possibilidade de haver HiperDeterminação de vez em quando. Será que alguém pode tentar se disponibilizar para a HiperDeterminação? Os cristãos tinham exercícios espirituais

para conseguirem se aproximar de Deus. Inácio de Loyola tem um livrinho intitulado *Exercícios Espirituais*, que é bastante engraçado. Repetindo, segundo nossos elementos teóricos, há alguma possibilidade de participação nossa na facilitação da HiperDeterminação?

- P – *Você chamou isso de Invocação.*

Quais são minha disponibilidade e minha participação na invocação da própria Invocação? Quero supor que a psicanálise deve servir não para irmos procurar a HipeDeterminação, e sim para ficarmos cada vez mais disponíveis para que ela nos aconteça. Isto não é a ideia de livre arbítrio, que é um círculo fechado, e sim de *disponibilização*. É abrir mão do que achamos ser *nosso* sentido. Quanto mais supomos que aquilo é nosso, mais estúpidos somos. Não é que não utilizaremos as coisas que estejam por aí, não estou falando de exercício de santidade, pelo contrário, minha fala é hedonista... A suposição é que, efetivamente, a psicanálise deveria se encaminhar para a disponibilidade, para a Indiferença, de modo a nada nomearmos como nosso. Lacan chegou perto de dizer que isso era a santidade, mas é, sim, a *analiticidade* – este é o sentido da psicanálise. A psicanálise também é regional, é um momento histórico, não faço ideia de aonde ela dará. O que podemos pensar até agora é que uma análise bem trabalhada, bem produzida, deve nos levar à Indiferença e à disponibilidade melhores possíveis, pois totais não teremos. Isso é coisa difícil, quase impossível, pois o

Primário é muito imbecil. Aliás, como já disse Espinosa, em última instância, todas as formações, têm tendência a quererem ser si-mesmas.

19

Esta teoria que lhes apresento me ocorreu, não é minha. Não vi eu fazendo. Não vi, como está na litogravura de Escher, a mão desenhando a mão. Só vi que aconteceu, fui deixando que o acontecimento respondesse por mim: a gente faz apropriação indébita. Como fui eu que assinei, como está nos livros que dizem que são meus, quero os lucros. Quem precisa de lucros é o Primário, e não o Secundário. O Primário precisa de cada vez mais dinheiro, remédio, comida... Então, fingimos que é nosso porque passou por ali. O Primário precisa fingir que é o sentido. Na operatividade, aqui, temos sentidos dados e produção de sentidos, mas tudo isso é muito barato diante do sentido do Haver.

Lembram-se de Carl Sagan? Ele tem uma frase perfeita: “Somos o universo contemplando a si mesmo”. Segundo meu modo, ele está dizendo: **Nós, IdioFormações, somos a Consciência do Haver.** O Haver é consciente de ser consciente. É o que, na filosofia, chamam de consciência de si. Não só estamos aqui conscientemente como temos consciência desse estar conscientemente aqui. Suponho que exista uma pressão

dentro do Haver no sentido da consciência de Haver. Ele funciona no sentido de tornar-se consciente de si mesmo. Pensamos que somos nós que temos consciência de si, mas não, somos, sim, a consciência do Haver, a que ele pode ter no momento. O Haver é o Inconsciente. Qualquer IdioFormação, em qualquer lugar do Haver, é a consciência do Haver. IdioFormação esta que não precisa de base carbono para ser isso. Aliás, a função mais importante desta espécie aqui é produzir a IdioFormação não carbono, e ela desaparecerá. Ter consciência de que somos conscientes é o que os filósofos falam sobre nós.

Então, retomo a pergunta: Para que existe tudo isso? O universo se encaminha em produções no sentido de ter consciência de si mesmo. As IdioFormações, as precárias ou as mais desenvolvidas, são a consciência que o universo tem de ser universo. Acho que essa é a resultante do que tenho dito até hoje. Há muita consciência pelo universo, qualquer animal é consciente. Lacan chegou a dizer, e já mencionei isto, que um aparelho de registro tem consciência. Uma filmadora é a consciência daquilo que ela filma, mas não tem consciência de estar filmando ou de que a consciência seja dela. O movimento da espécie das IdioFormações – as quais foram zeradas de sentido quando de sua emergência – no Haver é não só o de ter consciência do Haver como o de ter consciência de haver dentro do Haver, o que é a consciência de si.

Digo isso porque esse seria o sentido da psicanálise enquanto ela existir. Portanto, proponho que não há falta de sentido, ele está aí: nós somos a consciência do Haver. Nossa existência aqui é produzirmos permanentemente a consciência do Haver. Este, aliás, é o procedimento da ciência, de suas construções, de qualquer coisa, mesmo o mal, na busca de exprimir a consciência que o Haver tem de si. Isto reduz a zero qualquer narcisismo.

- P – *O pessoal não gosta desta última parte do que você falou.*

Faz parte da consciência do Haver que o Haver se mata e mata os outros.

- P – *É um dos quatro caminhos para o Cais Absoluto, que você colocou em 1996: “O caminho da Matança e da Guerra. Chamemos, sem nenhum cinismo, de eroto-misticismo da impartição da morte”.*

É uma situação esquisita, mas me parece que é assim. Do ponto de vista do Haver, o mal é uma possibilidade. Só. Por causa da Deusa, que está se lixando se alguém vai se matar ou vai matar o outro. Não é problema dela, ela *há*. É aqui embaixo, nas relações menores das IdioFormações, que fazemos juízos, separações, tentativas de sobrevivência...

- P – *A consciência do Haver inclui as produções do Primário: as plantas, o cocô...?*

A Deusa produziu a flor e a merda. São possibilidades de Haver. Podermos ser contra por termos resolvido administrar o mundo de modo a excluir certas coisas. Essas exclusões não são cabíveis no Haver, são formações específicas. São, portanto, paralisias, da ordem da fixação, do Estacionário.

• P – *Os verbos que você menciona n'O Pato Lógico – excitar, in-citar e re-citar – expressam ações não antropomórficas, sem sujeito. São parentes da ideia de Invocação da HiperDeterminação?*

Isso é espontâneo, não é criado por nós. Algumas formações daqui se deparam com algumas outras formações, e isto tem efeitos. Podem ser pró ou contra. O analista é capaz de passar por uma formação, assimilar, conceber uma formação, de tal maneira que ele não fala com ninguém, não escuta ninguém? Esta foi uma das razões de abolir o sujeito. Já notaram que sujeito escuta as pessoas? Mesmo o sujeito lacaniano tem ouvidos. Qual é o exercício de alguém fazer sua análise e resultar na possibilidade de sentar no lugar do analista porque não reconhece ninguém? Ele é uma nuvem de formações diante de outra nuvem de formações, está em troca com essas formações no sentido de a nuvem se reconhecer e até ter a possibilidade de, algum dia, reconhecê-lo (o que, aliás, é o mais difícil). Em análise, não se está diante de uma pessoa, e sim diante de uma nuvem de formações. E tampouco somos uma pessoa, um sujeito. Somos uma nuvem de formações. Isso está em processo de disponibilizar-se ao

comparecimento das expressões do Haver. (É, aliás, difícil dizer *disponibilizar-se*, pois quem é o autor disso?) De tal modo que a Pessoa – esta que existe, com Primário, Secundário e Originário – tenha alguma chance de reconhecer a nuvem. É preciso que se monte uma formação que, ela, venha a reconhecer as formações. É a tal mão desenhando a mão, de Escher. Com isso, escapamos da filosofia?

• P – *A nuvem de formações inclui o Primário?*

Sim. Por isso, ela é mais ou menos desenhada.

• P – *Neste sentido, é possível pensar suas ideias de Ordem Implícita e de Creodo como uma espécie de teste, de experimento, do Haver?*

Sim. Uma espécie de laboratório de seu próprio sentido. Aí o Haver é uma Pessoa? Se voltarmos ao cristianismo, veremos que Deus é pessoal, tem filho (e o maltrata, coloca-o na cruz). Já falei do Haver como IdioFormação, mas não confundam isto com a pessoa do Deus católico. Os cristãos, aliás, como disse há pouco, talvez tenham tido certo cheiro quanto a isso.

• P – *A filosofia fala sobre o Ser se pensando. Heráclito diz: “Tendo ouvido não a mim, mas ao logos, é certo afirmar que tudo é um”. Bergson falará em élan vital.*

Heráclito é filósofo, ou é sabedoria antiga? Já se sabe disso há milênios. Não se conseguiu pensar fora disso. Pensa-se sempre parcialmente, por via literária, religiosa, filosófica...

• P – *A ontologia filosófica é bonita, mas fazem dela uma ética que é horrível. O modo como Bergson coloca as duas fontes da religião e da moral é quase fascista.*

E Deleuze gosta dele. Por que *élan vital*? Bergson falava do vivo, o qual é primário.

• P – *Há uma valoração aí.*

Há uma valoração *dada*. Não é a transvaloração, de Nietzsche. Vejam que temos o mesmo problema do filósofo, mas não estamos falando a mesma coisa. Qualquer um – religião, poesia... –, aliás, tem o mesmo problema, ainda que não saiba disto. Isto porque este *é* o problema: *Qual é o sentido?* Notem que a psicanálise inverte o vetor, não monta um aparelho explicativo, e sim procura a explicação – e quebra a cara, pois o que ela traz não é definitivo, não é *o* saber, é apenas uma posição diante do problema. Se buscarmos semelhanças, iremos até às religiões primitivas. Isto porque, repito, o problema é o mesmo. O como lidar com ele é que é diferente. Nós estamos tratando dele na possibilidade de uma Cura. O cristianismo, por exemplo, pensou uma solução que aponta o que é certo e o que é errado, que diz que há que rezar, pagar preços, ir para o céu ou para o inferno... Para a psicanálise, qualquer um já está no céu, já está no inferno, que dance dentro disso. O que faz você deixar que funcione sua nuvem de formações é reconhecê-la, dizer: “É isso”. Lacan inventou a resposta definitiva: “*C’est ça!*” Mas não basta dizer, é preciso reconhecer que *é isso*. Uma coisa decepcionante, no bom

sentido, na sessão de Lacan, era pensar que podia vir algo, que era raro vir, pois apenas vinha: “É isso!”

É preciso acabar com a paranoia fanática de que fulano pensou errado, quem pensou certo foi sicrano. Todos pensaram certo, mesmo o imbecil. Se é o que ele pensa, logo é certo. Comparativamente, podemos escolher. Se não for assim, apenas será tentativa de congelar o sentido. O sentido de cada um é a resultante de um conjunto fortuito de formações. Se a pessoa não gostar, terá que entender que ela não está envolvida nisso, que são algumas formações, sobretudo comparativas, que abominam a situação. Aí Sartre tem razão ao dizer que o que importa não é o que nos acontece, e sim o que fazemos com o que nos acontece. Ou seja, tratemos de nos esfregar em outras formações para ver se juntam, se fazem coalescência.

• P – *Então, dá para mudar o que nos acontece?*

Não. Dá para misturar com outras formações, e sequer saberemos se a iniciativa é nossa. Pode ser apenas nosso desgosto – o desgosto, e não nós – que se junte com outras coisas. A porcaria de língua que usamos, com sujeito, predicado, pessoas, eu, tu, ele, nos faz acreditar que iremos mudar a situação. Não mudaremos. O possível é aproveitar as esfregas e caminhar.

• P – *A Teoria das Formações é uma linguagem?*

Pois é, como sair dessa?

• P – *Ela começa por uma reforma da linguagem, tem uma maneira de situar os acontecimentos que, em certo sentido, é disjuntiva.*

São formações em jogo. Quando se diz “eu fiz”, fica-se preso à ordem do ego ou do sujeito, o que é falso, pura má impressão, engano. Faço a suposição – *science fiction* – de que, em algum lugar, haja uma formação cultural ou estatal, sei lá o quê, em que as IdioFormações já tenham atravessado tantos desenhos e chegaram tão perto de pensar mediante formações que aquilo funciona de modo que parece que todos estejam hipnotizados. O próprio Primário é muito semelhante e, por estar demais submetido à função de formações, funciona assim. Podem até ser robôs. Nós somos afetados demais porque nosso Primário é imbecil. Somos sequestrados por ele. Basta pensar que, segundo a ideologia que está aí há milênios, as pessoas se reproduzem, têm filhos. Ninguém tem filho. Quem tem filho é o filho, ele se tem. Jogam-se milhões de espermatozoides sobre o pobrezinho do óvulo faminto, o desgraçado come um e aquilo cresce. De quem é essa criança? Foi preciso um sistema de dividir tudo, que começa no Segundo Império, para atribuir alguma paternidade. Aí, o espermatozoide vem comprometido com o avô, e nada tem a ver com o tal pai, que, este, apenas o estava guardando. E tudo isso foi reduzido a um grande teatro, com textos bem organizados, para tentar submeter a transa do Primário ao Secundário. Não deixa de ser uma grande invenção, pois já foi pior.

• P – *O que você diz hoje reitera o fato de a IdioFormação ser inocente, não ser responsável pelo que lhe acontece.*

Não sou responsável por isso, sou isso. Já lhes falei sobre isto [em 2001] quando tratei da *imputação*.

• P – *Você falou sobre sermos responsáveis.*

Que respostas dou ao mundo a partir de eu reconhecer as formações que estão aqui? *Eu* quer dizer: esse conjunto de formações responde ao mundo. E o que fazer sobre as formações externas que determinam o que vale e o que não vale nas minhas formações? No Brasil, há séculos, temos o direito de roubar em função da mentalidade patrimonialista. É um direito que está acabando, o pessoal está indo para a cadeia. Como era um direito, como era considerado normal, fica algo esquisito de entender. O país é patrimonialista em todos os seus hábitos. Os lugares públicos são tratados como se fossem as casas das pessoas, com crianças gritando nos restaurantes, etc. Já notaram que não está na lei que políticos não podem roubar? Isto me leva a pensar algo absurdo, que é errado o que estão fazendo com quem roubou lá atrás. Talvez fosse mais eficaz não colocar pessoas na cadeia, mas registrar que a postura mudou, que quem roubou apenas deva devolver o roubado e cessar de fazer como fazia. É preciso criar o novo aparelho jurídico em que roubar não conste como direito implícito. Uma coisa é tomar as formações que estão em jogo e raciocinar com elas, outra, afastar-se, indiferenciar, e olhar a

situação. Aí, teremos outra configuração. Há que relativizar de fora.